

# ORACÃO FUNEBRE

RECITADA

NA

IGREJA DOS RELIGIOSOS CARMELITAS

PELO

*Monsenhor Joaquim Pinto de Campos*

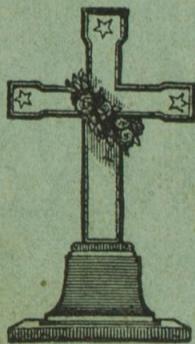
POR OCCASIÃO DAS SOLEMNES EXEQUIAS MANDADAS FAZER  
PELA PROVINCIA DE PERNAMBUCO

EM SUFFRAGIO DA ALMA

DA SERENISSIMA PRINCEZA

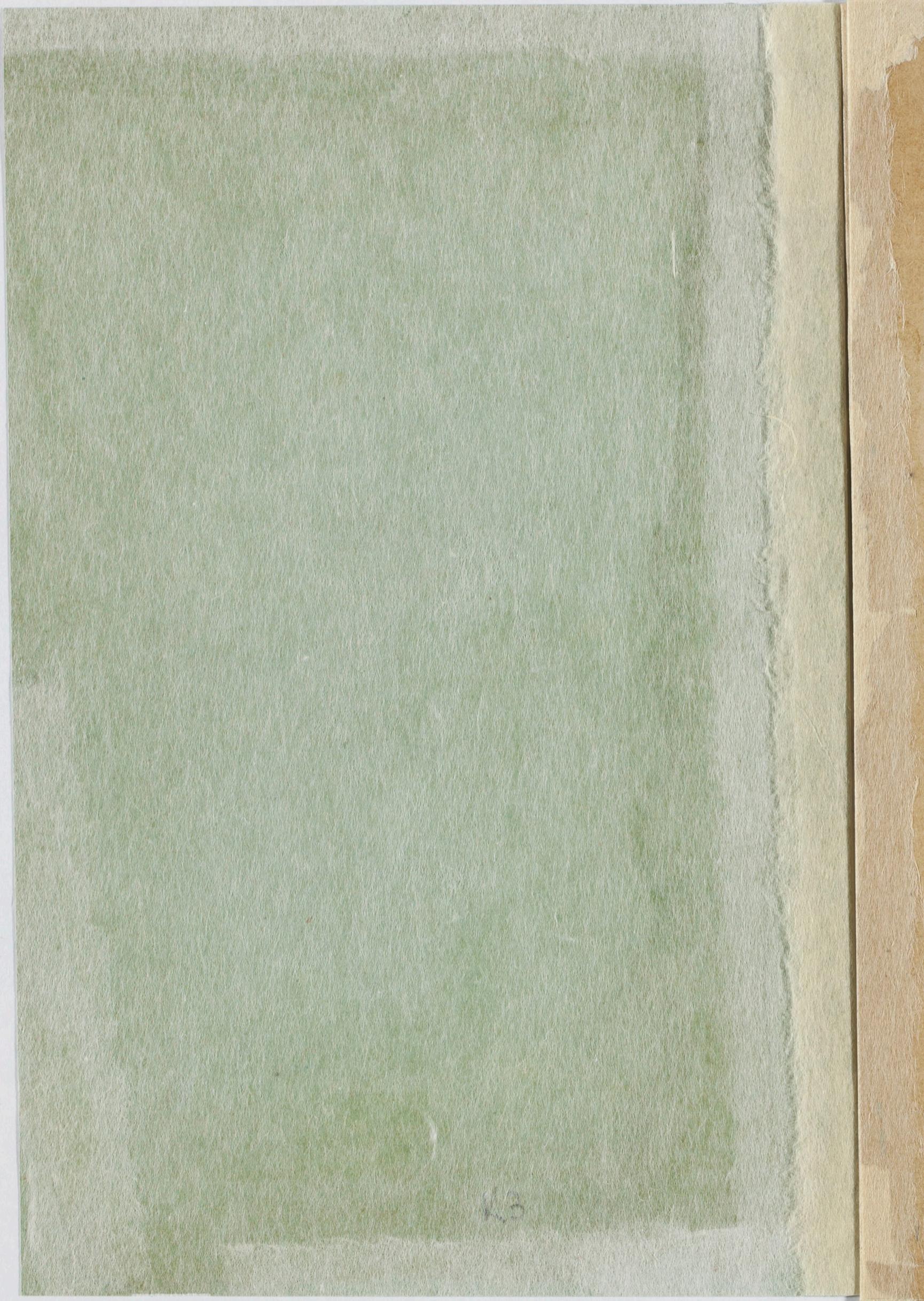
**A SRA. D. LEOPOLDINA**

DUQUEZA DE SAXE

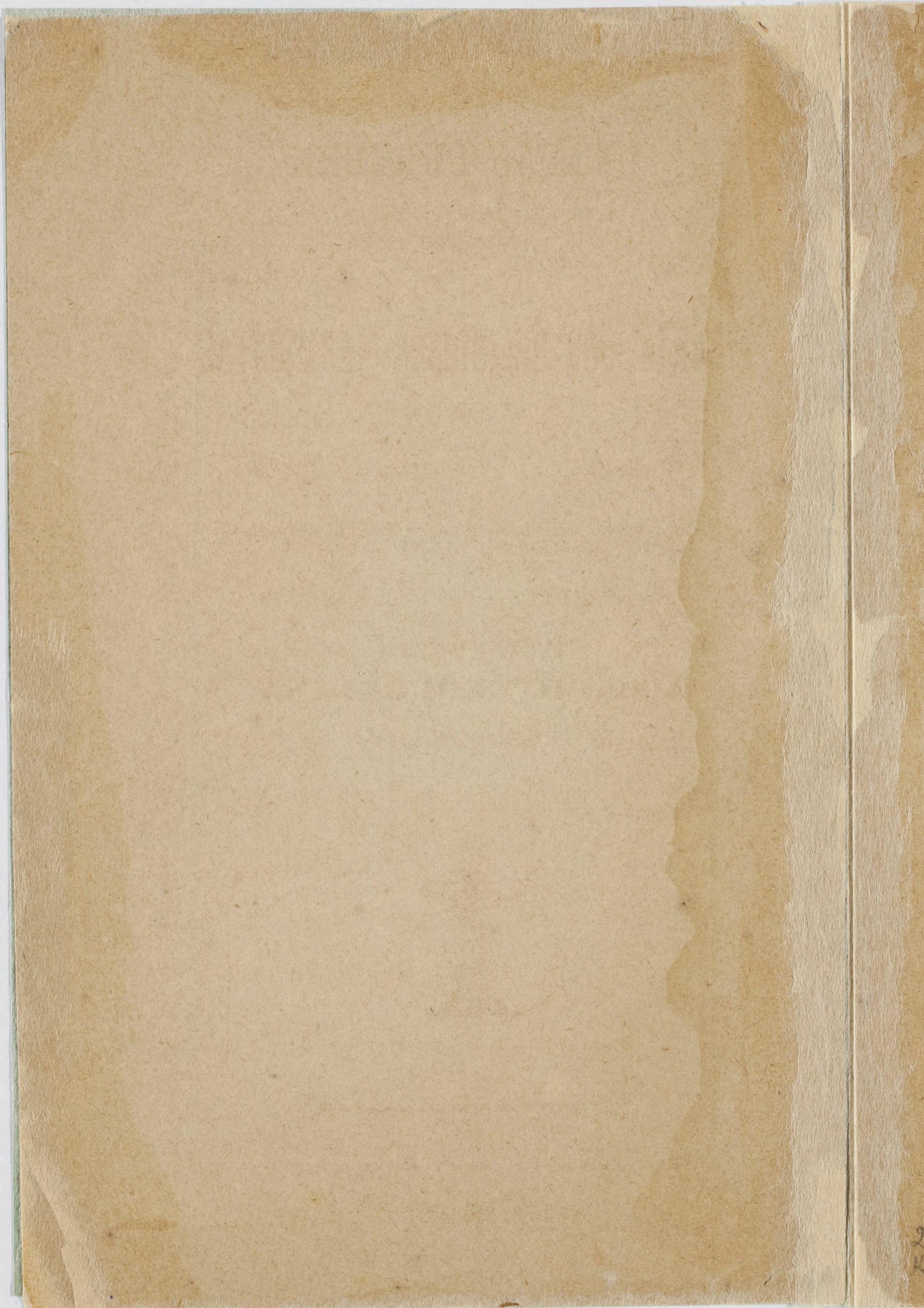


PERNAMBUCO

1871







# ORACÃO FUNEBRE

RECITADA

NA

## IGREJA DOS RELIGIOSOS CARMELITAS

PELO

*Monsenhor Joaquim Pinto de Campos*

POR OCCASIÃO DAS SOLEMNES EXEQUIAS MANDADAS FAZER  
PELA PROVINCIA DE PERNAMBUCO

EM SUFFRAGIO DA ALMA

DA SERENISSIMA PRINCEZA

**A SRA. D. LEOPOLDINA**

DUQUEZA DE SAXE



PERNAMBUCO

1871

L2520

2  
K3

Impressão em  
Luz e  
Bom Papel

Typ. Mercantil de Carlos Eduardo Muhler, & C.<sup>a</sup>, rua do Torres n. 10

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

*Fractum est pretiosissimum margaritum*  
Estallou a preciosissima joya!

S. JER. EPIST. LIV.

Pois ella morreu?... E morreu quando mais lhe sorria a primavera da vida? Oh!... ainda hontem, coroada de jasmims e rosas, vicejando em mocidade, e bellesa, ella brilhava junto a um throno! Ainda hontem, seu doce nome pompeava gentil entre os applausos de um povo generoso, que por ella se estremecia de amor! Ainda hontem, immenso affecto de extremoso Pae, imagem candida de desvelada Mãe, delicias e encantos de esposo amante!.. E hoje... toda aquella vida em que tantas viviam, todas aquellas pompas, todas aquellas galas, todas aquellas aclamações, todas aquellas grandezas, todas aquellas esperanças, todas aquellas summas alegrias feneceram em acerbissimo lucto, dispararam em tristissimo acabamento! Oh! vaidade! Oh! nada das grandezas humanas! Oh! Providencia! quem ousará medir os teus designios profundos, os teus insondaveis arcanos! Que valem diante de ti os deoses coroados da terra! Como a tua inexoravel fouce corta por igual o tronco annoso, e a flor viçosa! Como a tua indefectivel justiça ergue o seu tribunal tremendo, tanto sobre o tunulo faustoso, onde apodrece o rei, como sobre a campa rude, que mal cobre o misero! Como pésa em rectissima balança, não a gerarchia, que é fumo, mas as obras de um e outro, e sobre ambos pronuncia imparcial sentença, que a eternidade esculpe em lamina adamantina!

Senhores! não é sem grande propriedade, que por uma allegoria sublime chamam os homens flor da idade a primavera da vida; porque toda a duração dos annos desta vida caduca, toda a repetição das primaveras da mais florída idade, não só tem a fragilidade da flor, no seu mais tenro desabrochar, como a idade de uma flor, na maior duração da vida!

Aquella famosa estatua de Nabucodonosor, tão soberba na grandeza, tão arrogante na excellencia, e tão pomposa no apparatus, que até a um dos maiores monarchas do mundo enchia de assombro, e fazia rosto, bastou ter figura humana, para que a sua duração não passasse de um sonho, e se achasse de repente desfeita em pó, sem deixar da sua vasta magnificencia a mais ligeira reliquia, que desenganasse em figura as maiores affigurações da vida humana!

Reis da terra! a vossa mesma grandeza é o maior mal de que vos podeis queixar; porque as quedas precipitadas de tão alto são de reduzir a pó, ou como diz Job: alturas, que vem a parar debaixo da terra, magestades, a que se hade pôr uma pedra em cima, sceptro, que se ha-de tornar em pó, throno, que se ha-de fazer em cinza, purpuras, que se hão-de converter em crepes! . . . hontem um favor do possivel, hoje um perigo do futuro, amanhã um mêdo do presente. . . e hontem, e hoje e amanhã nada mais são essas magestades que um lôdo, que vive, uma lama, que lustra, uma terra, que anda, uma mentira, que falla, uma vaidade, que fulgura, uma presumpção, que se desvanece! . . . Ah! senhores, toda essa fabrica vivente, toda essa apparencia formosa, toda essa ostentação robusta, toda essa pompa risonha, que deslumbrando os olhos, seduz a imaginação, e que, encantando os sentidos, enleia a propria razão, que mais é que uma luz meteorica, que fulge e se esvaece?

Quem poderia pensar que a nossa amavel Princeza, que mal vingava a estação das flores, no deslizar da mais viçosa existencia, no emballar dos mais candidos futuros, e no florir das mais fagueiras esperanças, se passasse da terra ao céu com a velocidade de astro peregrino, que se mergulha nas profundezas do infinito? Oh! senhores, que noticia tão infausta, que dôr tão grande! Imaginai quanto a violencia desta dôr não rasgaria os corações de seus augustos Paes, tão amantes, tão extremosos! Que ouvidos tão duros, que corações tão de pedra se não mostrariam sensiveis a tão profundo golpe! Quem com oihos serenos poderia ver murchar-se uma rosa na sua maior louçania!

E quem ordenou estas solemnes demonstrações de condolencia publica, e de publica saudade? Um movimento livre, espontaneo, universal, sem outro impulso que o amor indestructivel, que os Pernambucanos consagram aos seus monarchas, cujas tristezas compartem, cujas agonias intimas tragam, cujo peza-do lucto arrastam, como brazileiros, como subditos, e como christãos!

E que esperaes de mim, senhores? Esperaes por ventura que eu venha com o artificio de louvores profanos interromper a saudosa harmonia dos threnos lúgubres, e a magestade solemne dos tremendos mysterios? Suspeitaes que ante os altares sacrosantos, banhados com o sangue purissimo do Deus de verdade, eu venha mentir eloquentemente ao céu, á terra, á vós, á posteridade, e á mim mesmo? Pereça o artificio funesto com que a eloquencia mundana forja sonhadas virtudes, para forjar sonhados heróes! O sôpro do Altissimo dissipará a obra dos soberbos.

A justiça dos seculos, sentada sobre as ruinas dos monumentos erguidos aos grandes anniquillados, dividirá do falso esplendor da eloquencia a luz eterna da virtude, lançando os heróes fingidos no abysmo do esquecimento !

A magestade de assumpto tão alto, a dignidade do logar, d'onde fallo, as luzes do immenso auditorio que me ouve, não podem exigir de mim, se não uma eloquencia correspondente á modestia, á lhaneza, e á candura d'aquella por quem choramos. O cenotaphio, que temos ante os olhos, não recorda nenhuma imagem de heroismo funesto á humanidade, nenhum nome famoso por illustres delictos. Não, encerra singellamente as folhas seccas das mais bellas esperanças, dos mais risonhos futuros de um Pae affectuoso, de uma Mãe terna, de um esposo inconsolavel, e de um povo leal, e consternado !

Fallando desta amavel Princeza, não me deslumbrarei com a irradiação dos tectos dourados, sob cujas abobadas nasceram, e medraram tão luminosos destinos. Quasi que me esquecerei de que ella era filha do Principe, e brazão e orgulho de um grande Imperio ! Aquella alma docemente altiva, e altivamente humilde receberia como uma gloria não sua um louvor, em que reflectissem os vãos prestigios da imaginação, e do estylo. Indicando, como de vôo, algumas prendas de sua curta carreira, direi que ella foi digna de nascer tão grande, porque, embora joven, possuiu em si todos os dotes dignos de tanta grandeza !

O orgulho intolerante de toda superioridade, que lhe excede em brilho, lançou nestes dias, mais que nunca, torpes escarneos sobre o esplendor das genealogias. Houve até uma voz do inferno que contestasse ao Filho de Deus a sua origem divina ! E nem para a nossa extincta Princeza hei de tirar elogios de um lustre fortuito, que suppõe o merito, mas que o não cria. Não penetrarei nas trevas venerandas de arredados tempos, para me aproximar á origem de tão augusta linhagem. Não lembrarei que o sangue, que circulou naquellas veias, se mistura, e confunde com aquelle, de que se ufanam todas as cazas reinantes da Europa. Quantos diademas poderia eu arrojar sobre seu tumulo ! Quantos avós benemeritos, quantos brazões heroicos poderia fechar naquella urna !

Mas não. Para transmittir aos vindouros o que foi a Senhora Duqueza de Saxe, não precisarei mais do que dizer, que a Serenissima Princeza D. Leopoldina Thereza Francisca de Saxe Coburgo-Gotta, nascida a 13 de Julho de 1847, e fallecida em Vienna d'Austria a 7 de Fevereiro de 1871, era filha do Senhor D. Pedro II, Imperador do Brazil, e de sua Augusta Esposa a Senhora D. Thereza Christina. Eis-aqui tudo ! Pelo que toca a sua vida, viveu pouco ; — “ mas este pouco mais que relance, este lampejo, esta alvorada, com ser breve, e fugaz, chegou para a bemquerença, bastou para o respeito e sobrou para a saudade. ” Eis-aqui o resto !

Nascer grande, e viver innocente é um destes segredos incompreensíveis, que só pela graça da predestinação podem ser explicados. É um phenomeno de ordem moral tão raro, como frequente o desprezo, e o esquecimento das leis da perfeição, entre os luminosos filhos da gloria, e da fortuna. A virtude, que tão facil remanço encontra na choupana do pobre, tópa com mil adversidades no limiar soberbo dos palacios dos reis, e dos grandes da terra! A delicadeza voluptuaria, o fausto arrogante, pae do orgulho e do egoismo, a duplicidade dos aulicos, os attractivos do poder, o vêsio das vassalagens, a hypocrisia dos géstos, o estudado das formas, as humilhações da dependencia, tudo naquellas altas regiões conspira para a falsificação dos affectos mais puros, e das inclinações mais innocentes! *Recedat aula regis, qui vult esse pius*, dizia um gentio tão puro em sua moral, como sublime em sua philosophia. Fuja, fuja, dizia elle, dos palacios, e das côrtes o que quizer ser pio, o que quizer conservar aquella probidade, aquelle desinteresse, aquella inteireza, de que resulta a paz interior, que não se perturba no silencio e no retiro, ou que se consegue por uma retirada, que no tribunal da razão, ou equivalle, ou excede a muitas victorias.

Um philosopho christão, desenvolvendo este pensamento do philosopho pagão, accrescenta: todos reconhecem nesta fuga uma grande virtude, que não posso desconhecer; mas considero maior virtude, ou mais sublime heroismo da virtude, o conservar intactas a piedade, a justiça, a inteireza, a reputação, no meio deste intrincado labyrintho, que se chamam aulas dos Principes, onde os combates das humanas paixões são mais atrozes e obstinados; onde homens em perpetua rivalidade procuram abrir a estrada para o engrandecimento proprio pela ruina, e pela desgraça dos concurrentes; onde a adulação é uma arte, que se estuda com methodo, que se aprende por elementos, e principios; onde proscripta, e foragida anda a verdade; e onde a ambição atropella a innocencia, e os mesmos principes, que afinal são homens, não raro, são illudidos por aquelles, que sabem ageitar as fallas, e com ellas armarem ao favor, e á graça.

Mas porque a historia em sua imparcialidade severa, precisa de ser justa, a justiça da historia me manda que seja veridico, e sincero. O ambiente, que se respira no palacio do Grande, que o nosso pacto fundamental collocou na cupula do nosso edificio social, não é corrupto, nem corruptor. Lá os fumos da grandeza não empanam aos olhos da magestade regia o nada das glorias humanas, nem lhe suffocam no peito os sentimentos de caridade. Lá o flexuôzo embuste, por mais que se côza com a terra, e se levante em aspiraes, como a antiga serpe do engano, em sendo percebido, lhe é defeso o ingresso. Lá a verdade com a franqueza, a moderação com a justiça, são os porticos naturaes da boa entrada. Lá altos deveres, que a moral consagra, e que a virtude esmalta, annullando todos os pasatempos, e diversões da côrte, se abalisam na mais religiosa observancia. Lá se verifica em toda a sua extensão aquillo dos Livros Sanctos, que o rei sabio e prudente exemplifica o seu povo

e os fructos da sua prudencia, e sabedoria são a sua gloria, e a sua conservação.

Senhores! não é só no meu rosto, e nas minhas palavras que vós estais lendo a verdade do que digo: na vossa propria consciencia, e na consciencia do paiz inteiro, pulullam os mais incontestaveis testemunhos de que o paço imperial brasileiro é uma escola viva do respeito no amor, e do amor no respeito, que é a essencia das virtudes domesticas, a consagração dos affectos da familia, e a corôa dos mais sublimes sacrificios!

Neste mundo todos fazem quanto podem por serem mais do que são. O que é rei deseja ser um Alexandre. O que é general deseja ser um Julio Cezar. O que é orador deseja ser um Cicero. O que é estadista deseja ser um Rechilieu. O que é jurista deseja ser um Bártolo. O que é philosopho deseja ser um Platão. Entretanto, como nobre excepção dessas ambições exageradas, e dessas aspirações sem termo, o nosso imperante não deseja ser, senão o que é: Imperador Constitucional, e amigo fiel da prosperidade do seu paiz: titulo que desempenha, ambição que satisfaz!

Ora, é evidente, que sob auspicios taes, a nossa amavel Princeza não podia deixar de ser o que foi: typo de bondade, modelo de candura, e exemplar perfeito de religiosidade. Sem fugir como Abraham para os desertos de Mambré, nem como Moysés para as fragoas do Horéb, nem como Elias para as asperezas do Carmello, a imperial menina, sem sahir da Côrte, sabia fechar-se dentro em si mesma, para vestir sua alma innocente de todos os atavios da virtude.

Com que cuidado procurava agradar ao Deus de sua alma, offerecendo-lhe em holocausto os prazeres mais legitimos da sua infancia! Com que esmero observava os movimentos do seu coração para evitar o menor deslise, que a podesse desdourar! Com que fervor se applicava a regular seus sentidos, a recolher suas potencias, a vencer seus desejos, a suffocar suas paixões, alimentar o seu espirito, a fortificar sua vontade no amor, e na pratica do bem! O amor de Deus, e de seus Paes, de seu esposo, e de seus filhos formava o character proprio e singular desta ditosa Princeza.

Senhores! quando revelações de origem certa me não habilitassem a fazer tão seguro conceito da piedade da nossa illustre finada, os factos de sua vida ostensiva me bastariam para aquilata-la deste modo. Assim como pelo aroma se conhecem as propriedades odoriferas da flor, assim tambem por certos accidentes, por certos habitos exteriores se conhecem os sentimentos, que lhes correspondem. Se nos não fosse concedido o dom de julgar o interior pelo exterior, se a nossa vida externa não fosse uma transpiração permanente da nossa vida intima, seriamos como spectros uns para com os outros, conforme acontecia aos aurispices, que se crusavam de noite entre o Capitolio e o Palatino, sem se conhecerem. Os nossos actos, pois, são respiradouros, que a todo o instante dão sahida ás exhalações da nossa

vida intima, e a nossa alma, seja-me licito dizer, tem seus póros, como tem seu sangue.

Assim digo que o modo porque se comportava a nossa amavel Princeza, nas manifestações publicas de sua vida, autorisa o alto conceito, que faço de sua piedade. Ao seu vestir, e adornar jámais presidiram os requintes da moda, legisladora do gosto, e da vaidade. Modesta e simples, recebia da elegancia singela as leis do seu toucado, como pela circumspecção compassava todos os seus actos, e movimentos. Nada de regio havia em Leopoldina, excepto ella mesma! Enfeites, louçanias, primores do luxo, tudo isso eram avellorios, que metteu sempre debaixo dos pés!

Em prova de sua indole suave, e de seu coração angelico, não são abonos mediocres a união perfektissima em que viveu com seu esposo, que nella se revia, como em espelho de exemplos. Um só sentir, um só pensar, um só querer, era uma lei mysteriosa daquellas duas organizações! Dir-se-hia que uma só alma animava aquelles dous corpos, ou que um só coração lhes pulsava no peito! Em ambos o mesmo respeito para com seus Paes, em ambos o mesmo amor para com seus filhos, em ambos o mesmo porfiar no cumprimento dos deveres, e no desprezo das vaidades da terra!

Quando contemplo, senhores, as virtudes, que madrugaram na nossa amavel Princeza, vejo, na distribuição de dons tão singulares, o esmero accorde da natureza, e da religião, em reunir nella só todos os dotes, que raro, e sobriamente repartem com tantas! Intelligencia clara, e perspicaz, coração terno, e affavel, character lhano, sereno, esquivo a louvores, e docemente grave. Seus olhos, revestindo toda a belleza meridional, eram de uma expressão tão viva, que lhe reverberavam pelas faces os esplendores da luz eterna! Em uma palavra, a luz que é a verdade, a harmonia que é a ordem, a grandeza que é o infinito, a bondade, que é o coração de Deus, como que estrellavam o rosto desta mimosa Princeza!

Que doce, que suave, e encantador que é o aspecto da virtude! Oh que os monarchas da terra fizessem desta perola celeste o timbre unico de sua realeza! Oh que de perfeições não fundiriam nas profundezas do mundo moral!

Além dos predicados da natureza, e da graça, que realçavam a belleza physica, e moral da nossa augusta compatriota, outros lhe aprimoravam as prendas do espirito. As amenas artes, filhas da imaginação, e do sentimento, cujo amor é como a lydia pedra das almas gentis, e dos corações sensiveis, faziam o enlevo da imperial Princeza. Nem lhe eram menos dilectas as artes irmans, que sobre a téla, no marmore, com o ferro, e com as côres, fazem reviver a natureza, que imitam. Com aquella nivea mão, talhada para menear o sceptro, não desdenhou, artifice augusta, de impunhar o lapis, e o pincel.

Mas sua indole doce, e sentimental devia ceder de preferencia ao magico attractivo daquella arte divina, cujas primeiras normas Pythagoras descobrio nas dansas regulares dos as-

tros; arte dominadora dos affectos, e que por sua melodia adoucou costumes safaros, afinou em Calydonia as harpas dos reis bardos, e mereceu na Grecia os cuidados dos heróes, e dos philosophos.

No estudo das linguas, colheu de primeiro a flor do patrio idioma; depois as bellezas de outros estranhos, antigos e modernos; de modo que veio a tornar-se concidadã de cultas nações, e contemporanea de seus grandes escriptores. A lingua triumphal do Lacio lhe não passou estranha, nem ignotos os milagres de eloquencia de Marco Tullio, nem as harmonias do plectro de Flaco, e de Nasão. De todas estas especialidades teve mestres insignes, que tanto se orgulhavam dos avanços, e progressos da sua estudiosa alumna.

Em todas as côrtes da Europa, que perlustrou, deixou singular denotação de modestia, de probidade, de religião, e de prudencia, que foram os instrumentos com que lavrou folgada estrada para o reino da immortalidade!

Senhores! já uma vez eu disse em escripto, que pertence ao dominio da historia patria, que entre os incontrastaveis serviços que a este imperio tem prestado o Senhor D. Pedro II, florêa em primeira plana o acrysolado esmero com que velou na educação daquellas, que na successão, e revezão dos tempos haviam de assumir a direcção suprema do Estado. Elle mesmo lhes deu zelosa instrucção em certos objectos, e sobre todos os mais vigiou diligente, E dando a suas filhas educação propria de Principes, que hão de reinar, levou sua attenção a todas as disciplinas, que são do dominio dos homens, além da religião, e das prendas proprias do sexo femenino. Um soberano, que assim se applicou a cultivar a mente de quem tem de succeder-lhe, torna-se a um tempo modelo para monarchas, e para paes de familias. A verdade não tem duas faces, e ai daquelles que por odio, ou por inveja, a retiveram prêza na garganta!

Quantas vezes em horas de lazer, naquelles colloquios intimos, naquellas expansões tranquilladas do amor paternal, não procuraria o Imperador formar os corações de suas filhas naquella primordial virtude, que é o escudo dos reis, porque é um dos admiraveis attributos da Divindade! E que outra, senão a justiça, será essa virtude de escolha, e de predilecção? Indicando-lhes a justiça como regra de deveres, o augusto Preceptor sabia que a justiça resume todas as virtudes; porque justiça é irradiação do bello eterno, ou, como já alguém disse, justiça é religião, justiça é caridade, justiça é sociabilidade, justiça é respeito ás leis, justiça é lealdade, justiça é honra. Se o monarcha não é subdito, é cidadão. Como cidadão, os deveres do Principe são os mesmos, porém mais extensos, mais fortes, mais amplos, mais obrigatórios, mais directamente nascidos da justiça: porque de mais forçosa justiça é o retribuir a sociedade favores, e gozos mais amplos, e confiança, e honra, e elevação maior, e sem par. Como monarcha, os deveres do Principe, esses estão absolutamente na justiça; porque justiça é governar segundo as leis, justiça é respeita-las, e faze-las respeitar, promover o bem

publico, e o particular de cada um, justiça é até ser indulgente quando convém á causa publica, magnanimo quando ella não é lesada. ”

Que milhares de outras vezes, proseguindo em seus sabios dictames, em relação ás obrigações geraes do monarcha, não diria o zeloso Pae: “ No governo dos povos duas cousas ha perniciosas, a que quasi nunca se acode com remédio: autoridade injusta, e violenta, e luxo que estraga tudo; por que se as demasias da autoridade arruinam as molas do poder, o luxo empeçonha a nação toda. Chamam a este luxo bom gosto, apuro das artes, e polidez da nação: vicio, que tiram por infinidade de outros, que louvam como virtude, e cujo contagio lavra até na medula do povo. Não consiste a capacidade de um monarcha, que está acima dos homens, em obrar tudo por si mesmo; antes é vaidade espera-lo, ou querer inculcar ao mundo que o póde fazer. O monarcha deve governar, escolhendo, e regendo os que sob elle governam; não lhe cabe miudear os negócios, pois fôra entrar pelo prestimo dos que trabalham sob suas vistas: sómente deve tomar conta, e saber quanto baste para toma-la com siso. Governar maravilhosamente, é escolher os sujeitos, que governam em seu lugar, e emprega-los, segundo os seus talentos. Porque o supremo, e perfeito governo se abalisa em governar os que governam, observando-os, experimentando-os, comedindo-os, emendando-os, animando-os, subindo uns, abaixando outros, mudando-os de postos, segundo as necessidades, ou advertencias da nação, e não segundo a matizada dos que de tudo se mostram mal soffridos. Querer averiguar tudo por si, e ver tudo com os proprios olhos é desconfiança, é apoucamento, é zelar miudezas que consomem o tempo, e a liberdade do espirito necessaria a cousas grandes. ”

Senhores! Lições destas convencem, e porque convencem não se esquecem nunca.

Nas evidencias da historia, nas verdades elementares da Constituição, e nas suas proprias normas de governo, fundava o Imperador todos os seus ensinos, e prelecções. Outro, porém, era o manancial d’onde a Augusta Imperatriz fazia decorrer os deveres de suas filhas. Esse manancial era o Evangelho. A illustre filha de Francisco 1.<sup>o</sup>, que tem n’alma impressa a triste imagem de tantas catastrophes, e vicessitudes politicas, e a idéa de que só Deus é grande, e immortal a duração de seu imperio, não podia offerecer ao estudo e á meditação de suas filhas outras paginas, que as do Evangelho, que ella sabe ser o regulador supremo dos direitos e dos deveres de todos, que assume o poder de uma constituição universal, que marca as attribuições de toda a autoridade legitima, e que, abençoando-a, fa-la reverdecer em virtudes, e lhe afugenta o nefasto sôpro das ruinas, em que mais de um throno tem desabado! Além de que, senhores, na sua propria vida, vida de abnegação, e de heroismo no desdem das pompas do mundo, a Augusta Imperatriz offereceu sempre ás suas filhas um copioso thesouro de

7  
X

exemplos edificantes, cujos influxos benéficos, infiltrando-se-lhes nos corações, não podiam deixar de torna-las filhas dignas de tal Mãe!

Mas, ah! senhores, n'um amor mais fino, e mais elevado, no sancto amor do rei dos reis, inspirou-se o coração da nossa amavel Princeza! A religião, esta filha primogenita do Céu, que a tinha tomado nos braços, ao seu primeiro vagido, bafejou-a, alimentou-a no leite gerador das grandes virtudes. Sim, esta religião suave que lhe foi sempre guarda vigilante, e directora inseparavel, esta, muito mais que qualquer outra disciplina, preparou a nossa Princeza para os altos designios da sua condição. O monarcha irreligioso é a maior calamidade que póde desabar sobre um povo! Reina com elle, e ao lado d'elle, o duro, o barbaro, o brutal egoismo! Mas a religião, freio inconfrangivel do forte, anjo tutelar do fraco, que leis piedosas, que deveres sacrosantos não prescreveria a Leopoldina! “Nascida para o throno (lhe diria) lembra-te que os teus subditos são, como tu, filhos do Altissimo; que, como elles, és sujeita ao rei immortal dos seculos; que, como elles, sendo imagem sua, tens maior obrigação de imitar a sua justiça, a sua bondade, a sua clemencia, a sua misericordia. Lembra-te que uma só gota de sangue, que uma só lagrima de afflicção, que por teu orgulho, dureza, ou iniquidade fizeres derramar, subirá como onda impetuosa até o throno de Deus para pedir vingança!”

Penetrada destas vozes de sublime conselho, Leopoldina vota-se ao céo, á gloria, e á felicidade dos brasileiros. Nova Rachél por sua formosura, nova Lia por sua fecundidade, Leopoldina, se como a flor do campo fenece, lhe ficam os perfumes; se como a palmeira dos desertos tomba e cae, ao embate rijo da tempestade, ficam-lhe os fructos, fructos preciosos, que são outros tantos anneis que vieram apertar mais e mais os vinculos de reciproco amor entre o throno e a nação. E ainda por este precioso dom da fecundidade deve a sua memoria ser sempre querida e saudosa a todos os brasileiros, os quaes no seu reconhecido bom senso não querem novidades na sua forma de governo, estão contentes com a sua monarchia representativa, que S. Thomaz de Aquino chama *governo perfeito*.

No entretanto, senhores, a nossa amavel Princeza, annuindo aos desejos de seu esposo, que eram tambem os seus, resolveu visitar de novo a Europa, onde, talvez, mais do que pensava, se foi ficando, não como quem esquecia o amor de seu paiz, que todo lhe revolvía na mente, mas como quem era empuchada por uma causa invisivel, que, sem que o percebesse, lhe dizia: “Princeza! tu não respirarás mais as auras perfumadas daquelles climas de ouro, daquellas regiões amenas, onde a luz da vida te descerrou os olhos! Não tornarás a ver aquelles pincaros magestosos, aquelles soberbos obeliscos de granito, de que a natureza circundou a tua cidade natal! Não tornarás a ver aquellas florestas virgens, aquelles bosques, inflorados, a cujos aromas se emballou teu berço! Não tornarás a ver (oh dor!...) aquelle Pae tão extremoso, aquella Mãe tão desvelada, aquelle

povo tão affectuoso, aquelle céo, aquellas estrellas, aquelle cruzeiro, em cujos caracteres grandes lia a magestade e a gloria de Deus! . . . Oh dias da ventura tão depressa idos! . .

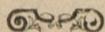
E ella, ao som inintelligivel destes vaticinios, caminha, sem perceber que a terra lhe foge! Nesse doce e ledó engano, não respira, senão para morrer, não dá um passo, que não seja para a sepultura! . . . E ella, a pobresinha, voando para as regiões da morte, cuida que vóa para o Brazil! E vem um dia, em que ella cae enferma. A principio lhe parece mais um excesso de vida, que um symptoma de morte. Que tanto a illudia a verdura dos annos! . . . O tempo passa, as horas se succedem, e o mal começa a dar indicios de não ceder nem á acção dos remedios, nem ao fervor das preces. Cada instante que volve traz consigo uma desesperança de salvação. E Leopoldina, lendo nas phisionomias dos que lhe ladeiam o leito a sentença meio-esboçada de sua morte, e, sobre tudo, illuminada pelo espirito de prophécia, que é o espirito da eternidade, conheceu que a sua mimosa construcção phisica entrava nos finaes periodos de sua decomposição. Callada, humilde, e submissa aos avisos de imminente desatar da vida, apressa-se em prover-se do divino mantimento d'alma, como quem tinha de fazer viagem larga atravez dos astros!

Aggrava-se a molestia, a medecina mette o melhor de seus brios na contenda, recorre a todos os alvitres, mas a cada esforço seu corresponde acerbo desengano! . . . Era que a ultima hora havia soado no relógio pavoroso do destino! . . . A enferma agonisa e nos transes do passamento, como que uma lagrima lhe aljofrára as faces! Era uma rosa a exhalar o humor subtil ao requeimar do sol! . . . Ah quem adivinhasse o que se passava lá dentro daquella alma pura! Quem nos diria que a dor de não morrer na Patria, de lhe não entregar o cofre de suas cinzas, sob a guarda de piedosas recordações, lhe não graduava as vascas d'agonia! . . . Cinzas preciosas de Leopoldina, florinhas que murchaes em terra estranha, volvei ao patrio seio! No coração de cada brasileiro tendes uma urna de perennial saudade! . . .

Que é o morrer, senão a separação daquelles a quem se ama? Tão cruel separação dilacera em mil partes o coração desta filha dedicada, desta esposa fiel, desta mãe, entre todas as filhas e esposas, a mais sensivel, a mais amante! Ferida menos da propria dôr, que da alheia, Leopoldina geme pelo gemido paterno e materno, que se lhe antolha sublime de amargura! Com a mão já quasi gelada tenta apertar a mão tremula do infeliz esposo, que lhe jaz ao lado, quasi exanime por dôr immensa, enlaçado com os tenros filhos, que choram porque vêem chorar, mas que não comprehendem o funesto enredo daquella triste scena! Que scena, senhores, que scena aquella! . . . É a moribunda, porque já não póde com a voz articular o extremo adeus ao esposo e aos filhos, pedaços d'alma que lhe pullam em torno, lhes falla com a linguagem dos olhos, cuja vista turva fluctúa entre o crucifixo e o esposo, entre o esposo

e os filhos!... E no entanto o gélido da morte lhe vae serpeian-  
do pelas veias, coalha-se-lhe no coração, e um brando somno,  
que dirieis um deliquio, lhe desce sobre aquellas pupillas, que  
nunca encheram o mal!... e ella, a filha dos Cesares, á  
semelhança de seu Jesus divino, inclina a cabeça e morre! *In-*  
*clinato capite, tradit spiritum.*

Assim morre, senhores, esta Princeza querida, e com ella  
todas as graças que lhe ornavam o seio! Que golpe para a fami-  
lia imperial, para a côrte, e para a nação! Perdeste, ó Brasil,  
perdeste para sempre, na flor de seus annos, e das tuas esperan-  
ças, esta amavel Princeza, adorno gentil da sua Patria! Todos  
os paes, todas as mães, na perda desta augusta filha do Estado,  
sentem a perda de um proprio filho! E aquellas mãos, que em  
vida não apertaram o sceptro, na morte, e depois da morte,  
apertam o sceptro dos sceptros, a cruz do Redemptor, e com el-  
la vóa para o Céu! Oh! Deus! Vós que pela victoria da cruz  
lhe destes a graça, e a formosura d'alma, pelos meritos desta  
mesma cruz, que leva sobre o peito, dae-lhe tambem a gloria  
como premio de suas virtudes! *Crucis victoriam largiris, adde*  
*præmium.* Amen.



BIBLIOTHECA  
MUSEI HISTORICO-NATURALIS  
URBIS ET PALATII  
VIENNAE  
MAY 18 1880